



# Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira  
(Organizadora)

**Denise Pereira**

(Organizadora)

# Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-455-9 DOI 10.22533/at.ed.559190507  1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série.  CDD 370
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	
Bruna Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS	
Ana Paula Giavara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL	
Dehon da Silva Cavalcante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Priscila Lopes d’Avila Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA	
Guilherme Marchiori de Assis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939)	
Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905078</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS Wagner Lucas Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5591905079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO Maximiliano Ruste Paulino Corrêa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA Reginaldo José da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822) Leandro Silva de Paula	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>131</b>
A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985) Flávio William Brito Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>142</b>
O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892 Danilo Arnaldo Briskievicz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>155</b>
A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA Alex Faverzani da Luz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>172</b>
AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO Carlos Alberto Machado Noronha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>181</b>
A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
Reginaldo Célio Sobrinho	
Edson Pantaleão	
Giselle Lemos Shmidel Kaustsky	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>190</b>
CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Giselle Lemos Schmidel Kautsky	
Reginaldo Celio Sobrinho	
Edson Pantaleão Alves	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>199</b>
DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	
Monica Isabel Carleti Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>210</b>
CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL	
Bárbara Birk de Mello	
Luiz Antonio Gloger Maroneze	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>221</b>
DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA	
Adalberto Paranhos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>238</b>
CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO	
Sérgio César Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>248</b>
DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	
Renata dos Santos Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>259</b>
O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL	
Douglas José Gonçalves Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050724</b>	



<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>269</b>
ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970	
Kátia Rodrigues Paranhos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050725</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>281</b>
FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD	
Isabela G. Parucker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050726</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>290</b>
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050727</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>301</b>
NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO	
Gilian Evaristo França Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050728</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>316</b>
A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA	
Rosemary Pinheiro Da Paz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050729</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>329</b>
UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS	
Gustavo Uchôas Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050730</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>340</b>
INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)	
Heloísa Maria Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050731</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>352</b>
ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA	
Jefferson Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55919050732</b>	

**CAPÍTULO 33 ..... 363**

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

**DOI 10.22533/at.ed.55919050733**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 372**

## A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR

**Euluze Rodrigues da Costa Junior**

Universidade Federal do Espírito Santo  
Vitória/ES

**Reginaldo Célio Sobrinho**

Universidade Federal do Espírito Santo  
Vitória/ES

**Edson Pantaleão**

Universidade Federal do Espírito Santo  
Vitória/ES

**Giselle Lemos Shmidel Kaustsky**

Universidade Federal do Espírito Santo  
Vitória/ES

**RESUMO:** Temos como objetivo analisar a rede de interdependência na qual uma estudante surda encontrava-se envolvida no processo de formação no nível superior. Em termos teórico-metodológicos, buscamos aporte nos pressupostos da Sociologia Figuracional, especificamente os conceitos de figuração, interdependência e a noção do conceito de indivíduo elaborado por Norbert Elias. No desenvolvimento deste estudo, percebemos que à medida que ocorreu a democratização do acesso e permanência do Ensino Superior brasileiro, indivíduos surdos passaram a integrar as figurações nesse nível de ensino. Essa dinâmica nos instiga a refletir sobre processos de escolarização de estudantes

surdos, especialmente no Ensino Superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Superior. Surdos. Norbert Elias.

**ABSTRACT:** We have to analyze the interdependence of network in which a deaf student found himself involved in the training process at the top level. In theoretical and methodological terms, we seek input on the assumptions of Figurational Sociology, specifically the concepts of figuration, interdependence and the notion of individual concept developed by Norbert Elias. In development this study, we realized that occurred as the democratization of access and permanence of the Brazilian higher education, deaf individuals have joined the figurations this level of education. This dynamic entices us to reflect on schooling processes of deaf students, especially in higher education.

**KEYWORDS:** Higher Education. Deaf. Norbert Elias.

### INTRODUÇÃO

Neste texto, temos como objetivo analisar a rede de interdependência na qual uma estudante surda encontrava-se envolvida no processo de formação no nível superior, bem como as atitudes de cooperação entre estudantes ouvintes e uma estudante surda em uma turma de nível superior.

No delineamento desta produção, em termos teórico-metodológicos, nos debruçamos em aspectos dos pressupostos da Sociologia Figuracional elaborada por Norbert Elias, especificamente nos conceitos de figuração e interdependência e a noção do conceito de indivíduo. Nessa direção, entendemos a partir do autor que nas sociedades os indivíduos, sejam eles ouvintes ou surdos, têm procurado diferentes maneiras de se legitimarem e estabelecerem modos de se relacionarem e de conduzirem uns aos outros. Assim, no curso da vida, passamos a resistir às tensões oriundas de formações sociais que, em algumas ocasiões, visam fragmentar o conceito de humanidade. O conceito de figuração nos oferece condições para que pensemos em pessoas tanto como indivíduos quanto como sociedades. Desse modo, podemos entender que esse conceito objetiva o afrouxamento do discurso e a superação da dicotomia entre indivíduo e sociedade.

Assim, na esteira eliasiana, neste ensaio propomos analisar a rede de interdependência na qual uma estudante surda encontra-se envolvida no processo de formação no nível superior que se dá na medida em que assimilamos que a estudante surda ou os estudantes ouvintes são, metaforicamente falando, como fios que ao se relacionarem com outros tantos, tecem figurações diversas.

Como procedimentos metodológicos, em um primeiro momento, utilizamos a análise documental. Dessa maneira, recorreremos aos estudos de Costa Junior (2015), de Speller (2010) e de Cunha (2007) para compreender a dinâmica da ampliação do acesso e permanência no Ensino Superior brasileiro. No segundo momento, nos debruçamos nos dados estatísticos para analisar a trajetória de matrículas de surdos de 2000 à 2014 (LACERDA E MARTINS, 2013). Por fim, por meio do diário de campo, analisamos as atitudes de cooperação entre os indivíduos da turma de Pedagogia da Ufes nos períodos de 2014/2 e 2015/1.

Justificamos a junção desses procedimentos por acreditarmos, em Elias (2000), que essas ações de modo isolado, talvez não esclareçam a processualidade de uma política cooperativa na formação de estudantes surdos no Ensino Superior.

Consideramos que a partir da sociodinâmica que visou a ampliação do acesso e permanência no nível superior, indivíduos surdos e ouvintes passaram a compor as figurações desses espaços formativos. Desse modo, pontuamos que tensões fortes ou brandas passam a delinear as conduções dos indivíduos dessas redes de interdependências.

## **O INDIVÍDUO SURDO A PARTIR DA PERSPECTIVA ELIASIANA**

A partir de Elias (2014), entendemos que, em decorrência das concepções sociológicas tradicionais, quando falamos de indivíduo, colocamos uma barreira invisível nos contextos nos quais esses estão inseridos e as figurações que os compõem. Os conceitos de família ou escola e configurações como a universidade, a indústria ou o Estado apontam para grupos de seres humanos interdependentes.

Assim, ao exercitarmos nosso pensamento na tentativa de analisar as redes de interdependências nas quais a estudante surda encontrava-se envolvida no processo de formação no Ensino Superior, optamos, apesar de não ser uma tarefa fácil, em distanciarmo-nos dessas concepções sociológicas tradicionais, pois “[...] A sociedade [...] é muitas vezes colocada em oposição ao indivíduo” (ELIAS, 2014, p.13). Entretanto, esquecem que ela, a sociedade, também é formada inteiramente por indivíduos, sejam eles ouvintes ou surdos.

Para Elias (2014), o conceito de indivíduo é um dos mais confusos tanto em sociologia quanto também no pensamento cotidiano. A causa pode estar relacionada à impressão e à associação do indivíduo a um adulto isolado e a um adulto que não foi criança. Na perspectiva eliasiana, o conceito de indivíduo está associado a todas as fases e mutações as quais o ser humano está envolvido, por exemplo, “[...] nascem, têm de ser alimentados, protegidos durante largo tempo pelos pais ou por outros adultos, crescem lentamente, passam a cuidar de si próprios nesta ou naquela posição social, podem casar e ter filhos e, finalmente morrem” (ELIAS, 2014, p.128-129), ou seja, é processual e em constante movimento, segundo Elias (2014) podemos afirmar que o indivíduo é o próprio processo.

Assim, continuamos a exercitar nosso pensamento e convidamos Lopes (2007) para o diálogo. Na perspectiva dessa autora, propomos olhar o indivíduo surdo com outra significação que não da deficiência, e sim da diferença cultural. Nessa direção, apesar de existirem diferenças culturais, os surdos, antes de qualquer significação, são indivíduos e estão inseridos nas redes de interdependências humanas desde o nascimento (ELIAS, 2014).

A variabilidade de significações para o indivíduo surdo dependerá da relação das seguintes palavras: cultura, comunicação e significado (LOPES, 2007). Destarte, entendemos que essas significações dependerão fundamentalmente das relações de interdependências as quais os indivíduos surdos e ouvintes estarão figurados (ELIAS, 2001; 2006; 2011; 2014). Significações se darão nas relações que os indivíduos adotarão tanto em comunidades grandes quanto pequenas. Desse modo, as funções estabelecidas e assumidas pelos indivíduos surdos ou ouvintes nessas relações é que ditarão os rumos, apropriações de conhecimento e significações para os símbolos e invenções que nos colocam à prova em toda nossa caminhada e convívio em sociedade.

Assim, na esteira de Elias (2014), admitimos que a formação de estudantes surdos pode ocorrer, também, em figurações compostas por indivíduos ouvintes. Nessa direção, propomos analisar a rede de interdependência na qual uma estudante surda encontra-se envolvida no processo de formação no nível superior. Para tanto, na próxima seção, chamamos atenção para a sociodinâmica que ocorreu no Ensino Superior brasileiro que contribuiu para a ampliação do acesso, da permanência e da formação de estudantes surdos nesse nível de ensino.

## EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

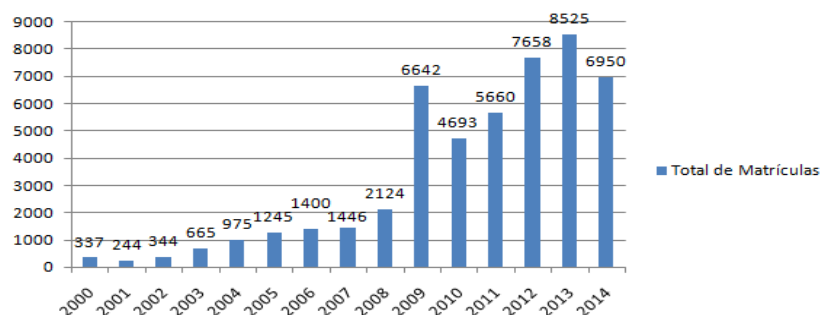
Percebemos, nos estudos de Speller (2010), que, historicamente, a sociedade brasileira tem buscado pela organização de universidades democráticas, onde se promovam “[...] o desenvolvimento de competências para uma cidadania e participação democráticas, [...] políticas para a igualdade de oportunidades e [...] redução da desigualdade” (MASSCHELEIN, 2014, p. 81).

Segundo Costa Junior (2015), o crescimento das universidades, bem como da ampliação do acesso não ocorreu de modo isolado. De fato, esse movimento aconteceu no delineamento das interpenetrações políticas e sociais dos contextos nacionais e internacionais.

Nessa direção, compreendemos que as dinâmicas que ocorriam no contexto do Ensino Superior não estavam distanciadas, em outras proporções, das que ocorriam no ensino comum. Nesse sentido, gostaríamos de destacar o aumento do número de vagas que ocorreu em meados da década de 1990. Este fato, em grande medida contribuiu para o avanço das discussões em torno do Ensino Superior brasileiro e, por conseguinte, fez pressões pelo aumento do número de vagas nas IES. Vale ressaltar que, com base nas estatísticas do INEP (1998a), no ano de 1998 um número próximo de 1,5 milhão de alunos matriculados no ensino comum concluíram o Ensino Médio, esse número era próximo dos 2 milhões de matrículas do Ensino Superior em todo território nacional daquele mesmo ano (COSTA JUNIOR, 2015).

Em paralelo, aos movimentos de democratização do acesso e a permanência no Ensino Superior, emergia no contexto brasileiro, outras tensões que visavam a inserção dos indivíduos, em especial os surdos ou com deficiência auditiva, que historicamente foram marginalizados nas figurações mais amplas da sociedade. De fato, ao observarmos o gráfico a seguir, inferimos que essas ações direcionadas para as IES, também, podem ter dinamizado o crescente aumento do fluxo de matrículas de estudantes surdos ou com deficiência auditiva no nível superior em todo o território nacional.

**Total de matrículas de surdos e deficientes auditivos no Ensino Superior (2000 - 2014)**



Esses dados nos possibilitam pensar, com base em Elias (2011; 2014), que, a partir do momento em que os indivíduos de diferentes estratos e grupos sociais acessam a universidade brasileira, novas tensões emergem e passam a “conduzir” as redes de interdependências que esses indivíduos constituem. Outros dilemas e desafios são colocados em pauta no cotidiano da sala de aula no Ensino Superior. No diálogo, uma prática relacional das mais significativas para a constituição do indivíduo e da sociedade, percebemos que as ações não são individuais; são, sim, desdobramentos das diferentes experiências vividas nas figurações que constituímos com os outros (ELIAS, 2000; 2010; 2011; 2014).

Entendemos, assim, que os aspectos relacionados às línguas, como todas as competências sociais, passam a ser entendidos na prática pelos alunos por meio da aprendizagem e da relação em um grupo em que o sujeito é produzido. Isto posto, emerge a autorregulação nas relações, que independe da cooperação entre os alunos. De certa maneira, tanto a aluna surda quanto os alunos ouvintes constroem processos de assimilação/apropriação sustentando a imanência dessa figuração social específica.

Elias (2011, p. 114-115) afirma: “[...] A língua é uma das manifestações mais acessíveis do que consideramos como caráter nacional [...] esse caráter peculiar e típico é refinado em contato com certas formações sociais”. Dessa maneira, entendemos que, com o acesso da estudante surda na turma de Pedagogia da Ufes, os estudantes ouvintes vivenciaram certo redimensionamento de tensões na rede de interdependência da turma.

A partir do exposto, propomos no fluxo deste ensaio, analisar as atitudes de cooperação entre estudantes ouvintes e uma estudante surda matriculados em uma turma de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo. Paulatinamente, abordaremos, também, elementos que mobilizaram essas atitudes de cooperação entre os estudantes.

## **A MODELAÇÃO DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA A PARTIR DA MATRÍCULA DE UMA ESTUDANTE SURDA**

Parece-nos importante destacarmos o sentido de cooperação que nos referimos em nosso estudo, dessa maneira, destacamos a significação atribuída por Sennett (2012, p.15), sendo assim, para o conceito de cooperação entendemos

[...] como uma troca em que as partes se beneficiam. Esse comportamento é imediatamente identificável [...] em crianças construindo um castelo de areia ou em homens e mulheres juntando sacos de areia para impedir uma inundação. Imediatamente identificável porque o apoio recíproco está nos genes de todos os animais sociais; eles cooperam para conseguir o que não podem alcançar sozinhos.

Nessa direção, observamos, que os indivíduos que compunham a turma de

Pedagogia 2014/2 da UFES, adotavam ações e conduções que objetivam a diminuição das diferenças. Em muitas situações esse processo foi desencadeado por algumas conduções dos próprios professores. Por exemplo, em uma aula da disciplina de POEB,

[...] o professor aguardou a aluna olhar para ele, para então, continuar sua explicação sobre as teorias de Locke, Hobbes e Rousseau. Uma das alunas que estava sentada ao lado da aluna surda, observou que a mesma anotava o texto que o professor havia acabado de escrever no quadro branco, assim, informou ao professor e, concomitantemente, cutucou a aluna surda e apontou para o professor (DIÁRIO DE CAMPO, outubro de 2014).

Dessa maneira, entendemos, que a “simples” ação do professor em aguardar a aluna surda olhar para ele, para que então, retomasse sua explicação sobre o conteúdo da aula, contribuiu para que uma aluna ouvinte modelasse seu comportamento e a partir de então se esforçasse em cooperar para que a aluna surda também tivesse a mesma oportunidade que os demais alunos em assistir, por meio da tradução em Língua Brasileira de Sinais - Libras, as explicações e elucidações sobre os autores e suas teorias.

Dessa maneira, na dinâmica de ensinar e de aprender desta turma, observamos a adoção de comportamentos que foram tanto oriundas da **prática**, que é uma experiência individual, quanto de **ensaios**, que são experiências coletivas. Entretanto, existe uma característica comum a essas duas experiências. De modo análogo, na esteira de Sennett (2012), entendemos, que ambas devem percorrer todo o contexto de uma aula. Praticando sozinho, em seu planejamento e durante a aula, o professor, caminha diversas vezes para que os conteúdos e seu processo comunicativo sejam perfeitamente absorvidos. Já no ensaio, com os demais indivíduos figurados na turma, emerge a modelação de hábitos a uma consciência comum a todos que serão adotados para garantir o fluxo da formação de nível superior de todos os estudantes.

Práticas e ensaios não emergem do marco zero, mas nas relações entre indivíduos. Em se tratando da formação de estudantes surdos no Ensino Superior, esse processo demanda um trabalho coletivo que precisa ser aglutinado em um período de tempo relativamente curto. Durante a formação de nível superior existem ensaios sociais que demandam uma troca entre estranhos. Assim, entendemos que

[...] O desafio da comunicação com estranhos acentua a busca de detalhes específicos, já que são poucas as horas a serem passadas no trabalho conjunto. Uma possível solução para este problema está no estabelecimento de rituais móveis (SENNETT, 2012, p. 29).

Desse modo, entendemos que ocorreu na turma uma espécie de **acortesamento** no comportamento dos indivíduos que compõem essa rede de interdependência. Elias (2011), reiteradamente destaca, que é preciso ter claro que ao observar o



comportamento e as atitudes dos seres humanos, em diferentes épocas e sociedades é fundamental levarmos em conta, que as maneiras e comportamentos adotados pelas pessoas e grupos resultam de um condicionamento e padrão social no qual esses indivíduos estão imersos desde o nascimento. Esse padrão social, alcançou legitimidade lentamente, num fluxo contínuo (e histórico) marcado por tensões que passaram

[...] a impor uma regulação altamente diferenciada a todos os impulsos emocionais, à conduta do homem na sua totalidade. [...] As pressões que atuam sobre o indivíduo tendem a produzir uma transformação de toda a economia das paixões e afetos rumo a uma regulação mais contínua, estável e uniforme dos mesmos, em todas as áreas de conduta, em todos os setores de sua vida (ELIAS, 1993, p. 202).

Percebemos, que os estudantes buscavam alterar suas maneiras e comportamentos durante a formação, de modo que uns e outros passaram a buscar um engajamento ativo dando forma às atividades cooperativas. Dessa maneira, observamos que com o passar dos dias, com efeito da reciprocidade de uns com os outros, emergia um compromisso social que passou a transformar “[...] a competência técnica em experiência sociável” (SENNETT, 2012, p. 82). Aumentava, gradativamente, a coação exercida por uma pessoa sobre a outra e, nesse processo, a exigência de “bom comportamento” era colocada mais enfaticamente. Ao se “modelarem” com “aquilo que consideravam importante”, os estudantes estreitavam suas relações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste ensaio, preocupamo-nos em analisar a rede de interdependência na qual uma estudante surda encontrava-se envolvida no processo de formação no Ensino Superior com estudantes ouvintes. Caminhamos no intuito de demonstrar que a entrada de estudantes menos favorecidos da sociedade brasileira, e em especial os surdos, nas figurações estabelecidas do Ensino Superior, contribuiu para que emergissem tensões e mudanças muito específicas nas redes de interdependências desses espaços.

Percebemos, durante a pesquisa, que a cooperação entre os estudantes se expressou, concomitantemente, às demandas e necessidades de alcançarem a formação de nível superior. De fato, a partir da matrícula de uma estudante surda, emergiu naquela turma a necessidade de criar outros modos de atuação docente, desenvolvendo-se estratégias didáticas que possibilitassem a comunicação entre os estudantes.

Desse modo, entendemos que estamos diante de uma grande tensão em nosso presente. Na condição de sujeitos de direito, os estudantes surdos buscam diferentes cursos no Ensino Superior e não apenas os cursos ministrados diretamente na Libras, como é o caso do Letras – Libras. Por outro lado, vale considerar que vivenciamos

tensões específicas no campo teórico com desdobramentos na legitimação das políticas educacionais.

Recentemente, ganhou notoriedade as explicações que defendem o contato dos indivíduos surdos com outros surdos como dispositivo fundamental no processo formativo e educativo desse sujeito. A partir da Sociologia Figuracional, encontramos aspectos que tensionam essas explicações e também oferecem condições para refletirmos sobre outros aspectos e questões que permeiam a escolarização de estudantes surdos, em especial em nível superior. Por exemplo, a produção de uma política de cooperação nos termos de Sennett (2012) nos parece possível nas figurações constituídas por surdos e ouvintes. Essa política de cooperação vivifica a linguagem e o pensamento humano, tornando-os elementos flexíveis e passíveis de permanente reinvenção. Em outras palavras, acreditamos que estudantes surdos e ouvintes, além de poderem aprender, devem aprender, isso é uma condição humana. Ambos possuem habilidades naturais para adquirirem conhecimentos por toda vida. A habilidade de falar/escrever e compreender é um exemplo disso (ELIAS, 2009).

## REFERÊNCIAS

COSTA JUNIOR, Euluze Rodrigues da. **A modelação de uma política cooperativa na formação de estudantes surdos no Ensino Superior**. Dissertação de Mestrado. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino superior e a universidade no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes; LOPES, Eliane Marta Teixeira; VEIGA, Cynthia Greive. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. v.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. Norbert. **Escritos & Ensaios**; 1: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas. **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2014.

INEP. Sinopse da Estatística da Educação Básica. **Sinopses Estatísticas**. Brasília, 1998a. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 15/08/2015.

LACERDA, Cristina Broglia F. L.; MARTINS, Diléia Aparecida. Desafios para a implementação da

política educacional inclusiva e bilíngue para surdos na Educação Superior. In: Lima-Rodrigues, L. & Rodrigues, D. (orgs.). **Atas do III Congresso Internacional “Educação Inclusiva e Equidade”**. Almada, Portugal, de 31 de outubro a 2 de novembro de 2013, Pró- Inclusão: Associação Nacional de Docentes de Educação Especial.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MASSCHELEIN, Jan. **A pedagogia, a democracia, a escola**. 1. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2014.

SENNETT, Richard. **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política de cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2013.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Denise Pereira:** Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-455-9

